SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXX

ABRIL DE 1973

N.º 336

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

23 DE ABRIL

DIA DO ESCOTEIRO

Conta a lenda que foi neste dia que o nobre cavaleiro Jorge correu em socorro da formosa Princesa, prestes a ser devorada pelo furibundo dragão, que valorosamente venceu e aniquilou. Quis o Rei recompensar a generosidade, oferecendo ao jovem a mão da Princesa, mas embora o enlace com a Virtude, assim se chamava a donzela, fosse desejado pelo valente cavaleiro, este não o poderia aceitar porque tinha de prosseguir a sua aventurosa viagem até destruir todos os dragões que na terra espalham o Mal. Prometeu, no entanto, que voltaria assim que tivesse cumprido a missão que a si próprio impusera.

Jorge não regressara ainda, porque a sua esforçada tarefa não está terminada, pelo que os Escoteiros, desejosos de apressar o regresso, propuseram ir em sua ajuda e arvoraram-se cavaleiros na luta contra o Mal. Infelizmente, porém, o esforço é muito árduo e surgem constantemente novos e insaciáveis dragões, dispostos a devorar todas as virtudes, a fazer vítimas, a produzir sofrimento.

Pode parecer que a celebração do Dia do Escoteiro, inteiramente devotada à Amizade com jovens escoteiros de todas as etnias, crenças ou opiniões, não tem relação com esta luta acesa contra o Mal. Reparai, no entanto, que esta contradição é apenas aparente. O Mal que por toda a parte prolifera é fruto directo do Ódio. É o ódio que campeia, que se multiplica, que se acumula. Muitos querem vencer o ódio com o ódio e não fazem mais do que gerar novas vinganças, repetir violências, disseminar morte e sofrimento.

Continua na pág. 4

MULHERES E ROSAS

Pelo Rev. EDUARDO MOREIRA

«Mulheres católicas do bairro de Andersonstown, considerado um dos bastiões do I. R. A., enviaram rosas ao Exército britânico, em memória dos três soldados mortos à metralhadora numa cilada, no dia 23 de Março. Talvez seja um bom sinal para o futuro...» Assim o disseram os nossos jornais de 7 de Abril.

Convém esclarecer que as três iniciais aí referidas são as de um movimento de oposição a outro, ambos aliás abusando de qualificativos cristãos, para a prática de malfeitorias.

Repetiu-se agora o que em 1914 fizeram Mulheres Alemãs (com maiúsculas, porque foram grandes em tudo) e eu pude narrar, no Brasil e em Portugal, a vários e atentos auditórios. Reproduzo-o de «A Teoria das Rosas» (impresso em 1952, op. esgotado): «...quando a Berlim chegaram os primeiros prisioneiros franceses, foram mulheres alemãs levar-lhes rosas à prisão. Logo o assomo foi reprimido. Era belo demais para este mundo em que vivemos desde então. Mas o telégrafo levara já a toda a parte do mundo o perfume das rosas oferecidas por aqueles corações femininos que queriam paz e afecto, e não retórica explosiva. No meio das lutas truculentas ainda possuía fragância o pensamento de Schiller quando dizia, talvez por feliz experiência: «devemos honrar as mulheres, pois são elas que juncam o caminho da nossa vida com celestes rosas».

Perdoe o leitor que eu me repita; porém julgo que vale a pena.

Ainda há pouco, em editorial do caro director deste mensageiro fiel da Simpatia-mútua e do Serviço-alegre, temperando a seriedade da vida, por meio do programa do Escotismo, que aos jovens portugueses vem sido oferecido, ele nos falava da crise de carência dos «bons samaritanos», em termos que nos forçam a uma profunda meditação. Propus-me desde logo dizer-lhe, à portuguesa: «não se vá sem resposta». Esperemos ainda, como na parábola bíblica da figueira estéril. O Escotismo surgiu no século passado e tem singrado as estradas; mas tanto há ainda para fazer! Se não nos obrigarem a estar quietos»...

Mas pensemos agora nas «boas samaritanas», nossas mães, irmãs e noivas, nossas amigas e camaradas. Elas persistirão como verdadeiras Mulheres, conforme o plano de Deus, na actividade afectuosa, na intuição providencial que as leve a corrigir os erros impossíveis de evitar.

Não me estou referindo, é evidente, à Samaritana com quem Jesus, junto ao Poço de Jacob, travou diálogo, tornando-a a *primeira publicitária* da Reforma Judaica, reforma em breve chamada «o Reino dos Céus», na contestação que ensina e não mente, ajuda e não constrange, morre e não mata. Uso aquele plural para com ele significar o espírito materno, colaborador de Deus, que no texto sacro de Judeus e Cristãos (Gén. 3-15) tem seu emblema naquela cuja semente, ou descendência, feriria a cabeça da serpente. Esta serpente, sinuosa e venenosa, é alegoria tanto do mal que se pratica como do bem que se recusa. No banquete da vida, quantas migalhas perdidas!

Graças a Deus pelo sentido materno que entendo ser congénito e perpétuo, esse que espalha rosas nos caminhos humanos, quando, diante das tragédias que se sucedem e encadeiam, os precavidos, os afanosos, os displicentes, se afastam, como o levita cumpridor estrito de práticas rituais, e o sacerdote absorto em requintes de doutrina.

Leite Júnior e António Emílio

Mais dois Homens *fora de série* partiram do nosso convívio, para viverem na nossa saudade: da saudade dos que com eles privaram. Graças a Deus, muitos que partem a merecem. Graças; porque a saudade, nestes tempos de vertigem, já não vive da vibração exclusiva das cordas duma viola ou dos gemidos duma garganta, mas da volição intensa, nascida do desejo de imitar os ausentes. Saudade emocional assim se torna saudade raciocinada e volitiva.

Hoje, aqui vos lembro dois amigos que ficaram radicados na gleba das minhas preciosas recordações.

Um, o conheci nos meus verdes anos em que ele me chamava «menino de *biscuit*», por ser branco de tês e delgado como um pivete — bem diferente deste barro grosso e gretado que espera a terra donde veio, aliás para libertação do espírito que alberga.

Leite Júnior, o saudoso Joaquim, era estudante de direito, em Coimbra, onde se formou, quando encontrou Cristo, no caminho da sua despreocupação. E em breve começou a fazer o que pôde, a favor de outrem. Em 1907 formava ele em Paço do Botão o «Batalhão Infantil». Encontrei uma foto com treze dos rapazinhos e seu tambor, instrumento muito necessário para imprimir ritmo às traquinices campestres. Tratava-se dum pequeno grupo de paz, minúsculo «ensaio» daquele que, poeta e compositor estimável, nos deixaria o «Hino da Paz»: «Bendita seja a estrela que nos conduz... / Se todos somos filhos do mesmo Pai, / porque em diversos trilhos o homem vai? / Melhor não seria unir as mãos? / Mostrar à luz do dia sermos irmãos?»

Muito andou, muito ensinou, muito viveu e aprendeu este amigo, na idade madura bem conhecido na Califórnia como o Dr. Joaquim Rodrigues da Silva Leite. A ele, em grande parte, se deve a «ressuscitação» histórica de Cabrilho, o português descobridor da Costa Ocidental da grande República norte-americana, onde viveu. Há poucos anos me visitou, com sua esposa, norte-americana, ambos membros da Igreja Protestante Episcopal. Mas esteve entre nós estritamente incógnito, avesso porventura às homenagens que merecia. Rijo ainda, apesar de lobrigar os «noventa».

Feriu-me a notícia da sua morte; e poucas semanas passadas, eis que novo golpe me atinge, este agora, por mais de perto, é compartilhado por muitos: a da morte do Dr. António Emílio de Magalhães, homem de envergadura excepcional, insistente nas campanhas até à «teimosia», no provável parecer dos que nada fazem (a não ser em proveito próprio), fundador e director, com o Dr. Cândido Gil da Costa, da Liga de Profilaxia Social.

Falar daquele Homem e da Liga a que se deve um bom número de reformas na nossa terra, terra por vezes avessa a reformas («o meu pai esmurrou, também hei-de esmurrar» — sabem a história?); falar miudamente dele e da sua Profilaxia de «médico social», será demais para aqui, assim como de Joaquim Leite. Mas terminarei por incitar os nossos rapazes a actuar *como gente grande*. Algum é artista? Seja-o promovendo a paz, beleza moral. Algum tem nervos para lutar? Lute pelo bem, como António Emílio. E que a Obra deste prossiga nas mãos do Homem possuidor da simpatia irradiante que sempre o acompanhou, o Dr. Gil da Costa.

EDUARDO MOREIRA

DE MÊS PARA MÊS

Do nosso estimado amigo e assinante sr. António Viegas Custódio recebemos a seguinte nótula:

É com bastante interesse que leio o que vem a lume neste pequeno rectângulo do jornal *Sempre Pronto* «De mês para mês».

Noto que estes reparos são concretos e estudados para serem publicados com um fim: endireitar o que o articulista vê estar torto?

Pergunto! não será ele que nem sempre está na posição de ver as coisas a direito?

Porque isto de mirone, só ver o prisma de um ângulo que a sua comodidade lhe permite e não desce da sua posição, não é muito elucidativo.

E o que se passa de MÊS PARA MÊS nem sempre é o que ali se aponta.

As vezes ainda vem as iniciais do articulista, mas na crónica do mês de Fevereiro não se mostra, talvez por falta de espaço?

É pena que sejamos tão poucos a trabalhar na AEP, e tão dispersos.

O Chefe do Grupo n.º 12 Oeiras.

António Viegas Custódio.

N. da R. — Deixamos aos nossos leitores o trabalho de interpretarem o texto acima publicado, isto até porque nada podemos esclarecer quanto ao que, por exemplo, nesta secção é publicado e que não é o que se passa, visto o nosso correspondente, quando isto refere, se exprimir em termos vagos também.

Somente aproveitamos o ensejo para afirmar que nesta secção NUNCA se publicaram as iniciais do articulista. Por sinal, em Fevereiro é talvez a única vez em que se dá conta da origem de grande parte do texto, visto que o primeiro período é quase todo, como lá se diz, da autoria do grande escritor francês Albert Camus.

Lembramos ainda que, tal como é imposto legalmente e de harmonia com a deontologia jornalística, os escritos não assinados são da responsabilidade do director.

Não queremos deixar de registar e agradecer a referência ao bastante interesse *com que o nosso amigo lê esta secção.*



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

O Grupo 13 voltou à actividade...

Tempos de crise atravessou o Grupo 13... Os móveis, as paredes, os bancos, cobriram-se de pó... Todos o abandonaram, esquecendo esta sala tantas vezes suja mas tão grata ao coração.

Com sede na Sociedade de Geografia, o 13 é um grupo de tradições. Eu orgulho-me de pertencer a ele.. mesmo quando os rapazes deixaram de aparecer, ele continuou a viver no coração, provando aos poucos que ficaram (três ou quatro) que não sabe morrer.

Custa muito ver uma coisa, hoje cheia de vida, tombar amanhã no esquecimento. Isso sucedeu ao nosso Grupo. Debateu-se numa agonia lenta, triste, quase sozinho, sem amparo de ninguém. Nós, os que ficámos, chegámos a visionar o nosso destino: largar o lenço azul e ingressar noutros Grupos, que, embora amigos, nunca nos seriam tão gratos ao coração.

Ao escrever estas linhas para o «Sempre Pronto», eu tenho em mente fazer com que todos conheçam a história da nossa ressurreição. Mas não sou só eu, é o 13, são os móveis, as paredes, os bancos, os que o querem, pois já têm novamente amigos.

E bons amigos! Puros e leais como só podem ser corações de criança. Criou-se um grupo de lobitos na nossa sede. O Ramos fá-los brincar e dar cambalhotas como ninguém. E alguns rapazes, que tinham fugido para bem longe, tornam a visitar-nos a medo, hesitantes, como de visita a um amigo que abandonaram quando mais precisava deles.

Será agora, em corações bem pequenos ainda, que se começará a formar a nova era do 13. Em vez de vozes de maus escoteiros que conhecem e ingratidão, haverão canções juvenis a tocar o céu

Talvez eu não tenha dito tudo... mas nada mais sei dizer... Apenas gostaria que todos soubessem que o 13 vive de novo, e que a nossa bandeira, ainda que velhinha, é o símbolo de qualquer coisa que não compreendemos, mas brilha no nosso coração.

JORGE ADOLFO CIERCO

Escotismo em Oeiras

Reunião de Convívio do Grupo N.º 12

A convite desta unidade dos Escoteiros de Portugal, em reorganização, escoteiros e escutas da Costa do Sol encontraram-se na manhã de domingo, dia 18 de Março passado, no salão de festas da Sociedade União Musical e Escolar de Oeiras, tendo-se reunido 55 elementos. O Grupo 16, de Carcavelos, apresentou 21 lobitos, 10 escoteiros e 4 dirigentes; os agrupamentos do C. N. E. da Parede, 3 escutas; Porto Salvo, 7 escutas e 1 dirigente, sendo os restantes do grupo 12.

A finalidade do convívio foi mostrar aos jovens de Oeiras que o Movimento tem praticantes nesta zona dos arredores de Lisboa.

Além de diversos jogos escoteiros, o antigo escoteiro sr. Amílcar, ofereceu uma sessão de cinema com programa escoteiro.

ANGOLA? PRESENTE!

NOVO REDONDO

Mais um grupo em formação

O E. C. Manuel Nunes Pereira, do Grupo 39, de Benguela, está dando boa cooperação para que se torne uma realidade um grupo de escoteiros em Novo Redondo, o qual receberá o número 42.

Aquele dirigente escotista deslocou-se àquela cidade e ficou bem impressionado com o entusiasmo que ali reina entre os aproximadamente 20 elementos com que a nova unidade já conta.

Já aceitaram o convite que lhes foi feito os elementos indigitados para a chefia do grupo.

MOÇÂMEDES

Acampamento Regional de Confraternização

Nos passados dias 6 a 9 de Fevereiro, em Moçâmedes, com a participação dos agrupamentos 211 e 294, do agrupamento, em formação, de Moçâmedes e ainda de cerca de treze lobitos, pertencentes aos três agrupamentos, realizou-se um acampamento, organizado pela Junta Regional do C. N. E. de Sá da Bandeira, sob a orientação dos chefes João Ribeiro, Lucília Ribeiro e Padre António Guereño e ainda com colaboração, para os exploradores, do guia de grupo do agrupamento 294, José António da Rocha, e do antigo escoteiro do grupo 8, Guilherme Campos, que actualmente colabora no agrupamento 294 e, para os lobitos, do chefe de alcateia do agrupamento 294, Ricardo Jorge G. Matos.

Este acampamento decorreu na mais franca camaradagem, tendo-se realizado algumas actividades náuticas, entre outras, de uma visita à Fortaleza da Angra do Negro, nome dado pelos navegadores que primeiro aportaram ao local onde hoje se situa a bela cidade de Moçâmedes. Atingiu-se assim a finalidade do acampamento, que era a confraternização dos escoteiros de Moçâmedes e de Sá da Bandeira. Foi logo lançada a ideia de um próximo acampamento, ficando o local e data para estudo.

«VII Circuito das Festas do Mar»

Mais uma vez os Escoteiros de Moçâmedes prestaram a sua colaboração à organização dos «VII Circuito das Festas do Mar», de Moçâmedes, na medida em que auxiliaram a mesma na segurança do Parque Fechado dos circuitos. Estiveram também presentes, colaborando da mesma forma, os escoteiros de Sá da Bandeira, José António R. Dias e Guilherme Campos, respectivamente guia de grupo do agrupamento 294 e antigo escoteiro do grupo 8. — C.

Aconteceu em Espanha

Um octogenário salvo por escoteiros de cair de um quinto andar!

Na sua excursão do domingo dia 11 de Fevereiro último, uma patrulha de escoteiros de Vigo viu um homem suspenso, pelos pés, de um quinto andar!

Perante tão crítica situação, os escoteiros vigueses imediatamente se dispuseram a prestar auxílio. Porém, na morada donde o homem estava suspenso ninguém respondia. Era, no entanto, absolutamente necessário fazer qualquer coisa e sem tardar. O guia da patrulha decidiu dirigir-se ao quarto andar. Assim foi. Desse andar, e utilizando a espia que levavam, os escoteiros fizeram o lais de guia e com esse nó seguraram o homem até que chegasse auxílio, pois que já haviam chamado os bombeiros. Porém, quando estes chegaram, já os escoteiros tinham conseguido entrar no quinto andar e içado o sinistrado.

Tratava-se de um octogenário, inquilino desse andar, que estava de cama há vários meses e que, num momento de delírio, se tinha debruçado da varanda e, desequilibrando-se, se precipitara no espaço mas, com grande sorte, ficara preso pelos pés nos varões de ferro da varanda.

Devido à pronta intervenção dos escoteiros vigueses, o octogenário não sofreu qualquer ferimento.

Eis aqui um punhado de escoteiros que se mostra digno da divisa que ostenta nos seus uniformes e dos ideais que perseguem.

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

DOENTES

Esteve internado no Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, onde foi submetido a uma intervenção cirúrgica, o nosso estimado amigo e antigo colaborador sr. Manuel Tacão Monteiro, antigo escoteiro dos Grupos 60 e 94.

Também sua esposa, a sr.ª D. Elisabeth Mendes Tacão Monteiro, esteve muito doente devido a graves queimaduras que sofreu.

Fazemos votos de rápidas e completas melhoras.

FALECIMENTOS

Dr. António Emílio Magalhães

Na cidade do Porto, faleceu no dia 31 de Maio p. p., o sr. Dr. António Emílio Magalhães, distinto clínico a quem se deve a fundação da prestimosa Liga Portuguesa de Profilaxia Social, notável instituição que tão valiosos serviços tem prestado a todo o país, mercê das iniciativas que, ao longo da sua existência, tem levado a efeito.

O Dr. António Emílio Magalhães era ainda o presidente da benemérita Liga e fazia parte da Comissão Organizadora da Associação Luso-Venezuelana.

Este conceituado médico nortenho distinguiu-se ainda aquando do surto de gripe pneumónica que flagelou o país logo a seguir à Grande Guerra.

A família enlutada e à benemérita Liga nortenha, *Sempre Pronto* manifesta o seu grande pesar.

D. Filipa Branquinho da Costa Braga

Também no dia 31 de Março findo, faleceu a sr.ª D. Filipa Branquinho da Costa Braga, mãe do nosso prezado amigo, assinante e antigo escoteiro sr. João Joaquim da Costa Braga, de Galveias.

A família em crepes, e em especial ao nosso estimado assinante, apresentamos sentidas condolências.



10 — Que a verdade me perdoe..., por Reinaldo Ferreira. Néorx. 1973. 33 págs.

Constituem o volume oito poemas em prosa, em que o A. dá largas à sua fantasia, meio de evasão de «realidades espinhosas e, portanto, indignas de revivência», como escreve no Antelóquio.

Os seus poemas, cada qual com seu título específico — Quimérico, Mefistofélico, Fabuloso, Trágico, Fantasmagórico, Dulcífico e Excêntrico — são demasiadamente literários para serem compreensíveis pelo comum dos leitores. Alguns termos, nem todos de bom gosto, revestem-se de certo preciosismo, ainda que os consideremos insertos em poemas em prosa, género caído em desuso nos princípios deste século. Aponto ao acaso: noites *nimbíferas,* pomba *alvidúlcida, insonte* beijo, *alipotente* avejão, melodia *osculatória,* madeiro tosco e *grandevo,* e muitas mais que não vale a pena indicar.

Tais termos recordam aqueles em que eram férteis os poetas da *Fénix renascida* e do *Postilhão de Apolo,* embora ali possam encontrar-se algumas pérolas, afogadas sob a aluvião de vocábulos preciosos.

Poesia, mesmo quando reveste a forma algo artificial de poemas em prosa, requer naturalidade para compreender-se. Não estamos já nos tempos dos poetas Nefelibatas dos fins do século passado, nem na era dos do *Orpheu.* E se nos dias correntes, numerosos autores, porque conseguem alinhar um cortejo de palavras, tantas vezes sem sentido, entende que devamos considerá-los poetas, nem por isso os que amam a Poesia se convencem de que eles o são. Jamais seriam coroados no Parnaso, por faltar-lhes a condição básica de toda a poesia: a naturalidade, que não exclui a elevação de pensamento.

Que a verdade me perdoe peca, exactamente, pela carência dessa naturalidade, elevada como está de um preciosismo que prejudica uma obra apresentada com tão distinto aspecto gráfico.

RATO SÁBIO

... como escuta que sou não posso fechar a porta a outro escuta que é meu irmão. É contra os princípios da Fraternidade Mundial a criação de associações escotistas baseadas na diferenciação de religiões. Porto, Felix Gaillet — *Inquérito Balafon.*

O Acampamento Nacional começa a agitar-se

A Chefia Geral da AEP lançou um Concurso Interpatrulhas a nível nacional

A Chefia Geral dos Escoteiros de Portugal acaba de abrir um Concurso Interpatrulhas extensivo a todos os grupos do país, incluindo os do Ultramar, concurso que foi devidamente estudado por uma comissão designada para o efeito.

Esta iniciativa tem o fim de preparar as patrulhas para o próximo Acampamento Nacional, que se realiza no Porto, no próximo mês de Agosto, como já noticiámos.

As patrulhas que se inscreverem terão de efectuar diversos trabalhos que serão mensalmente pedidos pelos organizadores.

O concurso terá o carácter de *contra-relógio*, dado o pouco tempo que vai ocupar. Será fiscalizado pela equipa que o estudou e delineou, compostas pelos E. C. Mário Luzano Leite, João Constantino e Virgílio Morais.

Esta organização será incluída noutro concurso (que também está decorrendo) — o Concurso «O Melhor Grupo AEP/73», — o qual será seguido de um outro que se realizará no próprio Acampamento Nacional.

O que é o Concurso Interpatrulhas 1973

Do Regulamento do Concurso Interpatrulhas 1973, de que a Chefia Geral fez ampla distribuição, destacamos as seguintes disposições:

O Concurso decorrerá de 1 de Abril a 30 de Junho do ano corrente e é aberto a todas as patrulhas de grupos de escoteiros que tenham a sede em território nacional que desejarem concorrer, as quais deverão enviar, com toda a urgência, o boletim de inscrição para o seguinte endereço:

Chefia Geral dos Escoteiros de Portugal, Cais do Sodré — Lisboa-2.

Este boletim será acompanhado da importância de 5 escudos em selos do correio. No Ultramar, os selos serão da respectiva província ou estado e serão remetidos para Luís A. Mateus Baptista (Caixa postal 5 — Dondo — Moçambique).

Além dos relatos sobre as actividades normais, do «Diário da Patrulha» (cuja capa será enviada a cada patrulha concorrente) constará do relatório anual, três trabalhos a executar obrigatoriamente (um em cada mês). O chefe do grupo, ou o seu ajudante ou os chefes de divisão, deverão pôr o seu visto nas páginas do Diário.

O Diário será por fim enviado, pela via mais rápida à Chefia Geral, de 30 de Junho a 8 de Julho pp. ff..

A classificação do Diário será elaborada pela Chefia Geral (classificação de que não há recurso). Para o efeito, atender-se-á à apresentação geral, redacção e ortografia, interesse das actividades livres, desempenho das actividades obrigatórias, valor artístico e variedade de aspecto.

Para desempate, serão considerados motivos de preferência o maior número de actividades de campo (acampamentos, expedições, bivaques e acampamentos de fim-de-semana).

Os Diários serão expostos durante o Acampamento Nacional e depois devolvidos às respectivas patrulhas.

Os três primeiros classificados receberão um diploma e um troféu alusivo, bem como as importâncias de 500$00, 300$00 e 100$00 respectivamente à 1.ª, 2.ª e 3.ª classificadas, valores que deverão ser aplicados na aquisição de material. Estes prémios serão entregues em cerimónia especial.

Os escoteiros das patrulhas vencedoras receberão ainda um distintivo especial, que poderá ser usado no uniforme durante o período de um ano.

Dia do Escoteiro

Continuação da pág. 1

O antídoto eficiente para o ódio é a verdadeira Amizade. Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, *proclama Jesus Cristo. Este é o remédio para os males de que a humanidade sofre. Sejam, pois, os Escoteiros os fomentadores da Amizade, produzindo o Amor em abundância tal que possam restabelecer o equilíbrio com as forças ao serviço do ódio. Só assim poderemos levar eficaz ajuda a S. Jorge.*

Estamos a comemorar o Dia do Escoteiro. E é nesse dia, como afirma B.-P., que os bons escoteiros se lembram de meditar na Promessa e na Lei. Recordai-vos disto — *diz ele* — no próximo 23 de Abril e saudai os vossos irmãos escoteiros espalhados pelo mundo.

Curiosas sugestões de uma nossa assinante sobre a protecção às aves

Da Sr.ª Dr.ª Stephanie Lion, nossa prezada assinante, recebemos uma carta em que a par de diversas considerações muito elogiosas para nós, se digna fazer diversos sugestões a respeito de assuntos a que *Sempre Pronto* se tem referido e que merecem ser escutadas.

Diz a nossa estimada assinante:

«É com interesse que costumo ler o seu mensário, logo que chega. Ultimamente, apesar das dificuldades anunciadas, achei os assuntos mais variados, o nível mais elevado e a participação mais viva.

No número de Janeiro, falaram, p. e., sobre touradas. Com muita razão, condenaram a morte como espectáculo, sem se preocuparem com o espectáculo, já de si bastante cruel.

Houve também uma iniciativa em que se sugeria a colocação de ninhos artificiais para as aves. Sobre o assunto das aves, ainda fica muito por dizer e por fazer.

Mais importante de que os ninhos artificiais, cuja necessidade e colocação depende de estudos especiais, que levem em conta as exigências do clima e das características das diferentes regiões, seria o ensino dos rapazes ignorantes que apanham aves canoras e insectívoras, em toda a parte e mesmo no Parque Florestal do Monsanto. A única medida que a Câmara Municipal até agora tomou contra este atentado contra a fauna é a colocação de letreiros com a inscrição de Regime Florestal.

Um outro assunto, não menos digno de ser tratado pelos escoteiros amigos dos animais, *parece-me ser o tiro aos pombos, que nos últimos anos mudou o nome, para* tiro ao chumbo, *sem mudar de* desporto. *Trata-se da matança mais estúpida e cruel que existe. Chamá-la* desporto *é uma ofensa para todos os verdadeiros desportistas.*

Parece-me que ultimamente esse desporto *até ganhou mais praticantes, pois estão a fazer obras para ampliar a área daquela associação* desportiva *dentro do Parque Florestal do Monsanto, abrindo ao mesmo tempo acesso novo aos automóveis e estragando um recinto lindo e sossegado, até agora reservado aos viandantes a pé e que teve ligação com a Mata de S. Domingos».*

Concordamos por completo com a nossa estimada leitora no seu repúdio do tiro aos pombos, agora eufemisticamente denominado *tiro ao voo*, assim como doutros *desportos*, igualmente selvagens e repugnantes, como seja a corrida de lebres, que atrai agora as camadas *bem* da nossa sociedade. Quanto às sugestões sobre os ninhos artificiais, aqui ficam as mesmas registadas, aguardando que encontrem eco naqueles que estiverem em condições de as poder materializar.

Aproveitamos o ensejo para agradecer à Sr.ª Dr.ª Stephanie Lion o envio da importância da sua assinatura que acompanhava esta carta.

Respondo com pensamento de Montesquieu: «Para se fazerem grandes coisas não é preciso ser-se um grande homem, não é preciso estar acima dos homens, é necessário estar com eles». Os «velhos» que procurem actualizar-se, os «novos» que dêem todo o seu contributo. — Setúbal. Rui Canas Gaspar. *Inquérito Balafom.*

PÁGINA DO ESCOTEIRO



Para ti, irmão escoteiro



No primeiro acampamento deste ano, levado a efeito pelos grupos de Lisboa, assistimos a uma cena que julgávamos não poder acontecer.

No içar das bandeiras, com cerca de 100 escoteiros presentes, o dirigente do acampamento pediu que se apresentassem escoteiros de 1.ª e 2.ª classes, a fim de terem a honra de içar as bandeiras. Apenas surgiu um escoteiro de 1.ª classe e dois ou três de 2.ª.

Faz-nos pena que muitos de vocês não estejam preparados ou Sempre Prontos.

Decerto que, se Baden-Powell assistisse a esta cena, sentiria grande desgosto.

Dizemos-te uma coisa: não podes fazer figura secundária no Escotismo. Tens de estar em primeiro plano e por isso necessitas de te preparar.

O Nacional está à porta. Mas só deves comparecer se fores um ESCOTEIRO, quer dizer, se fores pelo menos um SEMPRE PRONTO. Quando não o acampamento será um fracasso, porque tu, à semelhança do que aconteceu na actividade a que me referi no princípio, nem sempre sabes andar no campo.

Creio que vais escutar as minhas palavras.

Teu irmão escoteiro

BICHO DA MADEIRA

ESPECIALIDADE DE CAMPISTA

(Continuação)

7.º Saber improvisar abrigos, conhecer vários tipos de fogueiras, manejar a machadinha e faca de mato e conhecer 12 árvores pelo perfil.

Fogueiras para cozinhar

(Continuação)



As figuras 10, 11 e 12 mostram-nos também outros tipos diferentes de fogueiras para cozinha, utilizando numa dois troncos grossos, afastados, e que servem de protecção do lume e para aquecimento; outra é muito vulgar, pois um tripé de ferro resolve a situação da marmita e a última é muito utilizada por determinados povos, pois o fogo é todo feito num buraco, produzindo muito calor e aguentando o lume por muito tempo.

Em caso de terrenos com taludes, podem-se aproveitar os declives para fazer uma cozinha e fogueira conforme mostram as figuras 13 e 14.

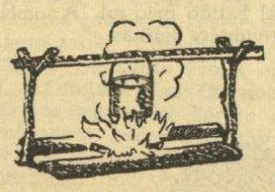


Fig. 10

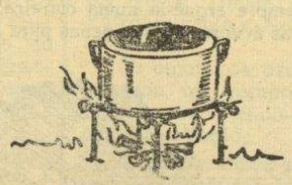


Fig. 11

Também a chuva não será motivo para impedir que uma fogueira continue na sua função. Basta, para isso, construir-se um toldo com ramagens, fig. 15.

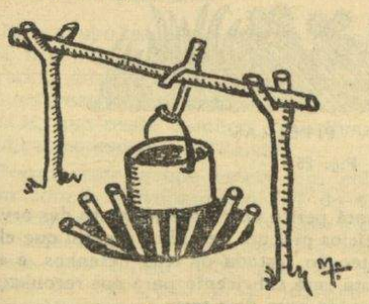


Fig. 12

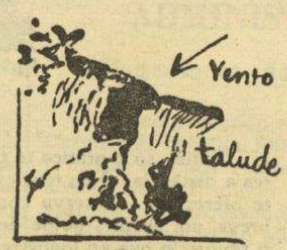


Fig. 13

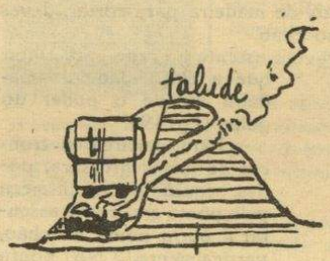


Fig. 14



Fig. 15

Fogueiras para fogo de conselho

Para um bom fogo de conselho é necessário uma fogueira em que as labaredas subam altaneiras, convidando-nos a cantar.



Fig. 16

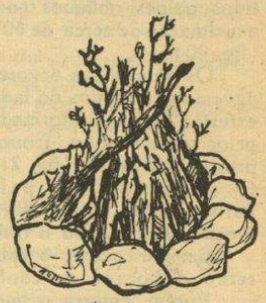


Fig. 17

Um monte de lenha ao acaso não dá alegria, por isso deve-se fazer um fogo do tipo pirâmide, começando com troncos grandes e grossos na base e diminuindo o comprimento e espessura conforme sobe a altura da pirâmide, fig. 16.

A fogueira em cone, fig. 17, dá-nos uma chama unifilar e comprida, bastante clara, também é muito interessante para fogos a que assistam muitas pessoas.

Para um fogo de patrulha e que sirva também para aquecimento, podemos utilizar uma fogueira reflectora, que também pode ser colocada perto das tendas para aquecimento nas noites frias, (fig. 18).

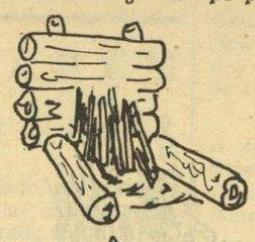


Fig. 18

Machadinha e faca de mato

A machadinha e um bom canivete são os instrumentos mais valiosos quando o escoteiro se encontra no mato.

De maneira nenhuma devem servir para brincadeiras e só se usam quando os trabalhos o justifiquem.

Um bom escoteiro deve trazer sempre, quando fora de uso, o canivete fechado e a machadinha com a capa de protecção.

Cuidados especiais com o canivete:

— Não cortar madeiras muito duras ou com nós.

— Não fazer do canivete formão, portanto não se deve enterrá-lo na madeira e bater-lhe com um martelo em cima.

— Não o largar em sítio húmido

— Não cortar o que quer que seja, dando os golpes no sentido do próprio corpo, mas sempre para fora. Há sempre o perigo de o canivete escapar.

— Trazer o canivete sempre limpo e escaldá-lo de quando em quando

— Quando fora de uso, manter o canivete sempre fechado.

— Saber amolá-lo.

Cuidados especiais com a machadinha:

— Depois de utilizada, nunca deve ser atirada ou enterrada na terra (as pequenas pedras existentes no solo abrem bocas no gume).

— Um cepo é óptimo para se cravar a machadinha, quando fora de uso.

— Se o ferro da machadinha aquecer durante o uso, convém descansar um pouco.

— Se o ferro se desmanchar, bate com a ponta do cabo num cepo para aquele descer.

— O lado plano do ferro (oposto ao gume) pode ser usado como martelo, apenas em trabalhos ligeiros. As pancadas violentas deformam o «olho» e, então, o cabo fende e desmancha-se.

— Depois de grande trabalho, unta com óleo o gume da machadinha.

— Se transportares a machadinha sem bainha, leva-a na mão, segura pelo ferro e com o gume para a frente, ou, então, coloca-a no teu cinto, atrás de ti e suspensa pelo ferro.

Como usar a machadinha:

Quando tiveres pequenos pedaços de madeira para cortar, deves colocá-los sobre um tronco e não no chão.

O ferro deve cair na parte do graveto assente no cepo para evitar que a elasticidade da madeira atenue o poder do golpe (fig 19).

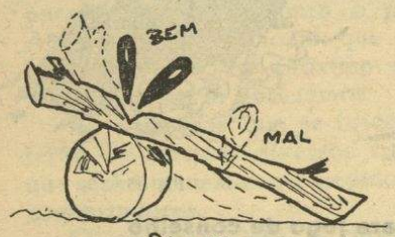


fig.19

Para partires os troncos de maior grossura, podes segurá-los com firmeza pela ponta superior e assentar a outra ponta no chão, verticalmente. No ponto onde queres quebrar o tronco, aplica-lhe um golpe oblíquo; no lado oposto, um pouco acima, dá-lhe um novo golpe. Depois bastará dobrá-lo, para se partir em dois.

Os troncos ainda mais grossos devem ser atacados com repetidos golpes oblíquos com a inclinação de cerca de 60°, (fig. 20).



fig.20

Os ramos das árvores devem ser cortados do lado exterior do ângulo formado pelos ramos e o tronco principal da árvore (fig. 21). O golpe desferido pela parte interna, pode abrir brecha, dificultando o trabalho (fig. 21).

Se, por acaso, o cabo da machadinha se partir junto ao ferro, retira o bocado de cabo que fica no olhal, carbonizando-o.

Porém, enterra o gume em terra molhada (para não se destemperar) e faz uma fogueira sobre a parte do ferro descoberta, (fig 22).

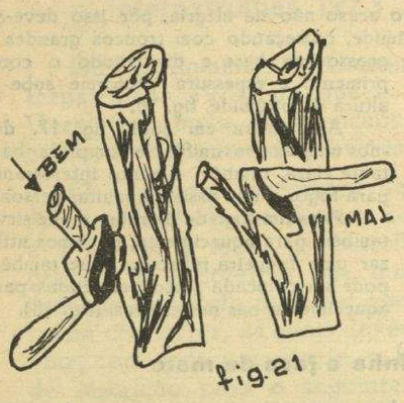


fig.21

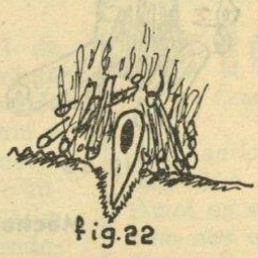


fig.22

Conhecer 12 árvores pelo perfil

Para ampliar os teus conhecimentos campistas, precisas também de adquirir a prática de conhecer as árvores pelo seu perfil.

Não é fácil, ao princípio, identificar árvores ao longe. Um inexperiente verá somente um conjunto verde, alto ali, baixo além, denso num lado e ralo no outro, mas um escoteiro com bastante prática desta observação, consegue conhecê-las como se estivesse junto delas.

Naturalmente terás já visto muitas árvores a distância, mas nunca te detiveste a fazer um estudo sobre o seu aspecto.

Observa as gravuras, repara no perfil que cada árvore nos oferece, desde o pinheiro até à figueira, e verifica como cada uma delas tem um aspecto peculiar perfeitamente identificável. Quando vires ao longe uma árvore de copa baixa e larga, com as ramagens inferiores quase a roçar o terreno, já sabes que é uma figueira. Decerto não escolherias essa sombra para o teu acampamento, pois o chão da figueira é doentio, em virtude dos raios solares não penetrarem a ramagem frondosa, tornando o local húmido, sujeito a vermes e putrefacção.

Pelo contrário, se notares árvores altas, tronco direito, com copa larga umas vezes, outras esguia e pouco densa, deve tratar-se do pinheiro bravo. Os pinhais são óptimos para acampamento porque o pinheiro é uma árvore muito saudável, oferecendo boa sombra, visto tratar-se de árvore alta que permite o arejamento do terreno.

Os pinheiros mansos, de copa mais redonda, são igualmente muito saudáveis para os nossos acampamentos, dando-nos ainda os pinhões, alimento saboroso e nutritivo.

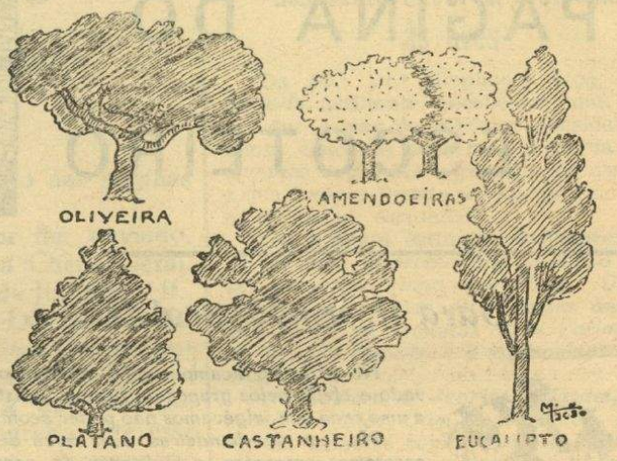


Fig. 23

Os eucaliptos proporcionam também óptimos locais para acampar. São árvores altas, de um perfume muito saudável, oferecendo boas sombras, visto, tal como os pinheiros, deixarem penetrar o sol nos terrenos e permitirem o arejamento.

Os pinheiros e os eucaliptos possuem troncos vigorosos, permitindo o seu uso, com segurança, para exercícios de pontes.

Árvores como os ciprestes e cedros não dão bons locais para actividades, pois além de projectarem sombra pouco larga são muito densas e os seus ramos fracos, ainda com a desvantagem das suas miúdas ramagens servirem de ninho às aranhas e outros insectos, que incomodam quem perto delas permaneça.

Locais onde abundem piteiras e silvas, são indicados para jogos de observação, mas não servem para permanecer porque são sítios agrestes.

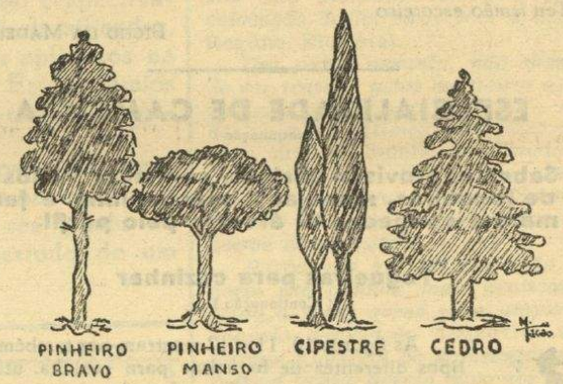


Fig 24

Interessar-te-á também o conhecimento das árvores para a escolha de lenha para a cozinha. O pinheiro, a oliveira, o sobreiro, a azinheira, o carvalho, oferecem boa lenha. A de eucalipto já é mais fraca, mas pode ainda ser utilizada. As pinhas secas são óptimas para o fogo.

Quando armares a tua tenda junto de quaisquer árvores, procura sempre erguê-la numa clareira, num local batido pelo sol. A sombra das árvores serve apenas para as tuas actividades diurnas.

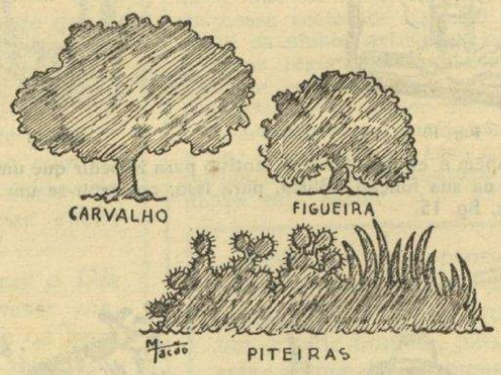


Fig. 25

Enfim, só a prática te tornará perito no reconhecimento das árvores a distância. Nos teus exercícios procura desenhar o perfil que elas te oferecem. Observa com atenção, estuda os teus desenhos, e em breve, um simples golpe de vista será suficicente para que reconheças o arvoredo que ao longe te convida para uma sesta.

Lista dos terrenos de campismo escotista da Europa

A associação escotista católica da Alemanha, em colaboração com a Secretaria Regional da Europa da Secretaria Mundial dos Escoteiros, acaba de publicar o primeiro volume da Lista dos abrigos e terrenos de campismo escotistas da Europa. Este volume, escrito em francês, inglês e alemão, tem 88 páginas e dá informação sobre 155 locais de estadia escotistas na Austria, Bélgica, Alemanha, Listenstaina, Luxemburgo, Holanda e Suíça.

O seu preço é de 1 dólar e meio (USA) e pode ser pedido a: Georgs-Verlag, 4000 Dusseldórfia 32, Postfach, República Federal da Alemanha. Preços especiais para encomendas em conjunto feitas por associações escoteiras, depósitos escotistas ou grupos.

Durante este ano, será publicado o 2.º volume, que abrangerá a Finlândia, Suécia, Noruega, Dinamarca, Islândia, Grã-Bretanha, França, Portugal, Itália, Grécia, Turquia e Israel.

O XV JAMBORI NO AR

Continuação da pág. 8

Os últimos relatórios recebidos dos Grupos

Grupo 29 (Dondo — Moçambique)

O relatório enviado por este grupo permite-nos saber que os seus escoteiros tiveram de se deslocar em caminho de ferro até Inhaminga, que fica de 250 km de distância. Para tal, preciosa foi a colaboração do sr. Diogo, chefe dos Caminhos de Ferro da T. Z. R. e pai dalguns escoteiros do grupo, pelas facilidades concedidas.

Em Inhaminga, foram postos à disposição dos escoteiros os emissores CR 7 EA e CR 7 FQ, respectivamente dos radiamadores srs. Vítor. H. O. Araújo e Horácio T. Martins, tendo funcionado, porém, só o segundo, mas com o sr. Vítor Araújo a conseguir os contactos obtidos.

Durante a estadia em Inhaminga, os escoteiros puderam servir-se de uma carruagem-cama, graças à amabilidade do sr. Eng.º Cantante Pinto, chefe da Tracção e Oficinas dos Caminhos de Ferro. Aliás, os escoteiros foram alvo de todas as atenções por parte não só deste senhor, como dos radiamadores e da população local.

A falta da respectiva lista inibe-nos de dar o resumo dos contactos obtidos.

Grupo 80 (Ponta Delgada)

Este grupo também esteve muito activo. Para tal, muito contribuiu a colaboração do radiamador sr. João Manuel Raposo, o qual os recebeu *a bordo* do seu posto, o CT2AK, que neste Jambori trabalhou sob o indicativo especial CT2JAM.

Porque este grupo esteve em colaboração com o Agrupamento 107 do CNE, os contactos obtidos dizem respeito a estas duas unidades escotistas. São por isso os mesmos que foram publicados no nosso número de Fevereiro p. p., motivo por que nos dispensamos de os repetir agora.

Escotismo, sinónimo: aventura!

Três Caminheiros do C. N. E. de Nova Lisboa vão percorrer 5 000 km. de bicicleta...

Mais uma vez os caminheiros são notícia e de tal maneira importante que ocupou os noticiários dos jornais, rádio e televisão.



O caminheiro Nelson Ochoa, que, com mais dois companheiros, vão efectuar uma longa digressão pela África

Três rapazes, João Acúrcio Santos, Carlos Rodrigues, ambos de 18 anos, e Nelson Joaquim Ochoa, de 21 anos, empreenderam uma viagem de cerca de 5.000 km., em bicicleta, através das terras de Moçambique, desde Nova Lisboa a Lourenço Marques.

A ideia de pedalar naquela parcela do nosso território coube aos caminheiros João Acúrcio Santos e Alberto Rodrigues do Grupo n.º 176 do Bairro de S. João, de Nova Lisboa. Entretanto para que se concretizasse a iniciativa era necessário um terceiro elemento que inesperadamente quis alinhar, foi o NELSON OCHOA.

A volta foi patrocinada pela firma «Ulisses» que colocou as bicicletas e respectivos acessórios à disposição dos ciclistas.

«Sempre Pronto» deseja aos três aventureiros a continuação de uma óptima viagem.

DE SANTARÉM

Bodas de prata do Grupo N.º 52 do C. N. E.

Em 18 de Fevereiro passado, esta unidade do Corpo Nacional de Escutas, em Santarém, festejou as suas bodas de prata, tendo-se realizado uma concentração de escoteiros dos agrupamentos do C. N. E. em Coruche, Torres Novas, Tomar, Leiria, e da A. E. P. do Entroncamento e Azambuja, num total de 121 elementos.

Os escoteiros assistiram à missa onde se efectuou um compromisso de honra de 46 novos escutas, tendo-se seguido um almoço de confraternização.

À tarde realizou-se uma partida de futebol entre os escoteiros de Coruche e do Entroncamento, tendo ganho os *fenómenos* por 2-0, seguida de festa de campo com entrega de prémios aos escutas do Agrupamento 25.

— *V. Vergamota.*

ADMINISTRAÇÃO

Pagamento de assinaturas

O nosso estimado assinante sr. Alberto Cerqueira, de Vila Pery, Moçambique, fez o favor de nos remeter o valor de sua assinatura. Também a nossa prezada assinante patrocinadora, de Lisboa, sr.ª D. Maria do Carmo Martins, nos fez igual remessa. Agradecemos.

Visão patriótica

«Levantei os olhos e me pus a olhar»,
qual velho profeta de Jerusalém,
e vi muitas sombras e pude escutar
os ecos de outrora nas vozes do Além.

Os vultos avançam com porte fragueiro
e de olhos no arcano que os tempos contém.
Seu timbre solene, seu gesto altaneiro
o órgão da vida no peito detém.

Ouçamos as vozes, ouçamos os ditos
dos vultos que avançam com grande fragor.
Benditos mil vezes, mil vezes benditos
os que repetirem tais ecos de amor:

«Nós somos os filhos dum Povo ditoso,
nós somos pedaços da grande Nação
que, a sombra rasgando do mar Tenebroso,
deu mundos ao Mundo — soberba missão!

Nós somos herdeiros da Terra querida
banhada nos raios do Sol protector;
oxalá saibamos honrar toda a vida
herança adquirida com tanto valor.

Nós somos os guardas dum bom património:
guardá-lo devemos, que é rígida a lei.
O solo é sagrado se o povo é idóneo,
e é nossa a divisa — p'la lei e p'la grei!

Se olhamos o manto de azul que nos cobre,
cobrindo de gozo leais corações,
ouvimos as vozes do mar calmo e nobre
cantando a epopeia do grande Camões.

A história proclama, com gesto eloquente,
trabalhos heróicos dos nossos avós.
Lembremos os feitos da célebre gente.
Que sejam modelos constantes p'ra nós.

Em via marinha jamais navegada,
singraram as quilhas do grão Portugal.
Sejamos arautos na nova alvorada,
voguemos nas ondas dum nobre Ideal!

Guardemos a terra que é nossa de herança,
fiéis defendamos as leis e o lar,
nos males sofridos, alegres na esp'rança
de tempos felizes, de gozos sem par.

À terra, que é nossa, fiéis protestamos
defesa e ajuda de bom português;
direito e deveres, leais acatamos,
jamais sacudidos de espanto soez.

Lembramos a glória do nosso passado,
vivemos na esp'rança de belo porvir;
irmãos do Trabalho na Paz respeitado,
na Paz, o Trabalho nos há-de sorrir.

À Pátria fazemos, nest'hora solene,
promessa sincera, protesto leal,
de sempre velarmos por que viva indemne,
ilustre e honrada, feliz, liberal!

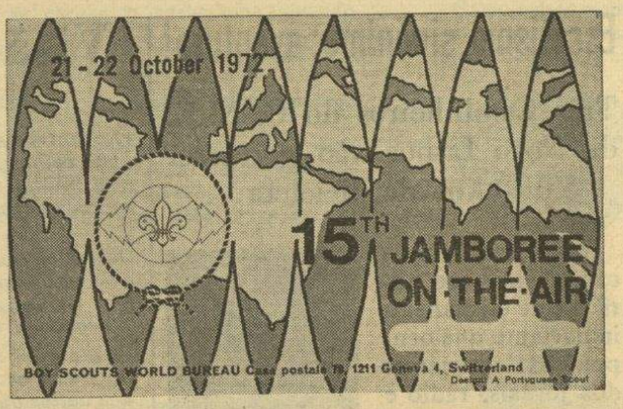
As quinas que foram outrora ao Salgado,
a Ceuta e às Navas, ao Cabo, ao Japão,
ao grande Amazonas, ao Ganges sagrado
e às terras famosas do Preste João,

As quinas, as vemos p'ra sempre libertas
de estranhos liames que o Fado teceu;
E a glória assombrada nas horas incertas,
que em dia famoso de novo apareceu,

Oh! página de ouro na história do mundo!
Oh! glória sublime de humanos pregões!
Deixai que se solte do peito, profundo,
o canto sentido de mil corações.

EDUARDO MOREIRA

O XV JAMBORI NO AR



A Secretaria Mundial do Escotismo acaba de publicar o relatório sobre o 15.º Jambori no Ar, realizado em 21 e 22 de Outubro do ano transacto.

Trata-se de uma publicação, com texto em inglês e francês, onde estão registados os factos de maior relevância ocorridos durante esta grande actividade mundial dos escoteiros e resumo dos relatórios dos países que maior interferência tiveram neste JOTA.

Desta importante publicação, transcrevemos as seguintes passagens:

Torna-se sempre difícil resumir um acontecimento no qual se participou — muitas vezes deixamo-nos levar pelas nossas próprias impressões pessoais em vez de tomar uma mais larga vista geral. É esta a razão por que o autor decidiu pedir algo emprestado a determinados relatórios recebidos, deixando a outros o papel de contar a história do JOTA.

Um dos melhores relatórios que temos visto há alguns anos vem duma jovem norueguesa que é chefe de guias. Vamos usar uma grande parte dele, que está inserto sob o título «Noruega», onde se fala das experiências norueguesas no último JOTA, mas cuja introdução bem se poderia aplicar a qualquer outro país participante. Aqui está, portanto, o resumo tal como foi escrito por Siri Fuglesang, de 18 anos de idade, de Oslo:

«Certos relatórios descreviam longos contactos com grupos de países estrangeiros, alguns dos quais destinados a acabar, com a troca de cartas e de insígnias. Outros falam dos contactos com países e ilhas estranhos. Todos eles transmitem o entusiasmo demonstrado tanto pelos escoteiros como pelas guias, quaisquer deles nas suas próprias estações e muitas vezes também nos contactos mútuos. Muitos escoteiros e guias falavam acerca do JOTA já há alguns meses, muito tempo antes de nos começarmos a preparar para ele. É muito emocionante dizer-se algo ao microfone, nem que seja só o próprio nome, e compreender então que no outro lado o ouviram e o compreenderam. Com mais um pouco de experiência e de coragem, os escoteiros ficam prontos a colaborar como segundos operadores e a conseguir fazê-lo com perfeição.

«O facto de haver escoteiros em quase todo o mundo, não é novidade para um participante actualizado do JOTA. Mas saber o que fazem esses escoteiros distantes, como são os seus uniformes e os seus próprios países? Como nem todos gostam de escrever, então o amador de rádio regista tudo. E falam todos uns com os outros. Os noruegueses falam com África, Ásia, América do Norte e do Sul e Europa e ao mesmo tempo escutam escoteiros australianos. Não é isto o verdadeiro escotismo de Baden-Powell? Sem qualquer dúvida, e tanto mais quando se aprende a apreciar e a respeitar as diferenças entre as pessoas do seu próprio país e as do estrangeiro».

Isto é o porquê *da realização dos JOTA e Siri conseguiu dizê-lo muito melhor que nós.*

Como se viu, as condições existentes durante o fim-de-semana de 21 e 22 de Outubro último não foram muito propícias às comunicações, embora em certos lugares parecesse serem melhores que as do ano passado. No entanto, há que ter em atenção que nos encontramos na rampa descendente do 11.º ano do ciclo sun-spot *e é de presumir que as condições piorarão ainda no próximo ano e talvez no seguinte.*

Durante dois anos, experimentámos dar início ao JOTA à meia-noite local, o que parece ter tido a aprovação geral. Um dos nossos correspondentes sugeriu que se começasse na sexta-feira à noite e se estendesse até à noite de domingo, isto é, das 18 às 18 horas (tempo local), isto com o fim de permitir àqueles rapazes que só tem livre a noite de sexta-feira a participação no JOTA. Isto parece ser uma boa ideia e, de facto, sabemos de muitas estações que já procedem assim.

O relatório da Secretaria Mundial diz o seguinte acerca da participação de Portugal:

PORTUGAL

O JOTA tornou-se uma das mais populares actividades escotistas portuguesas, quer dos grupos localizados na Metrópole, quer nos distantes territórios de Angola, Moçambique, Açores, etc. Uma vez mais, a imprensa, a rádio e a televisão lhe deram inteiro apoio, assim como a Liga de Radiamadores e os responsáveis dos CTT. Estes últimos, autorizaram indicativos especiais para algumas estações participantes e — uma especialidade portuguesa — os sobrescritos especiais e os carimbos do primeiro dia.

Portugal metropolitano (CT 1) — *51 estações distribuídas por todo o comprimento e largura do país. No segundo tempo, em CT 1 ZZ, um operador cego convidou um grupo de escoteiros cegos para o seu* shack. *CT 1 JAM (Queluz) e CT 1 CNE (Santarém) foram filmados para uma reportagem especial da televisão.*

Açores (CT 2) — *CT 2 AEP e CT 2 JAM foram indicativos especiais. Mas ainda havia três estações a operar com escoteiros americanos residentes na ilha Terceira, que participavam pela primeira vez.*

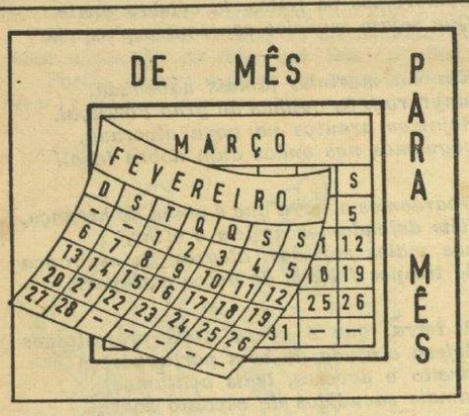
Madeira (CT 3) — *Três estações especiais trabalharam aqui, apesar da violenta tempestade que perturbou as comunicações. Também aqui, a cobertura feita pela imprensa e pela rádio foi excelente.*

Cabo Verde (CR 4), Guiné (CR 3), S. Tomé e Príncipe (CR 5) e Timor (CR 8) — *Pelo menos uma estação esteve em actividade em cada um destes locais, mas infelizmente nenhum pormenor foi recebido acerca de tal participação.*

Angola (CR 6) — *Uma vez mais os escoteiros angolanos registaram um aumento no número de estações que este ano foram 36. Aqui também foi emitido um F. D. C., assim como um carimbo especial do JOTA.*

Moçambique (CR7) — *Estiveram em actividade pelo menos 36 estações, algumas das quais com indicativos especiais de chamada. Infelizmente nenhuns outros pormenores nos foram dados.*

Continua na pág. 7



PRIMAVERA!



Os Escoteiros de Portugal da região de Lisboa aproveitaram o terceiro fim-de-semana desta alegre Primavera para promover um acampamento de conjunto, actividade dirigida por gente nova, gente na primavera da vida. E mereceu a pena a experiência. Há que prosseguir no rejuvenescimento dos quadros, forma segura de vencer a inércia e a rotina. Precisamos de acolher, sem reservas, a Primavera, arejar o Movimento e avançar decididamente pelas veredas do êxito. Mas importa alargar horizontes, ter vistas largas, subir para os cumes.

Não nos confinemos nos limites acanhados do Parque da Caparica. Deixemos este para os treinos, e apliquemos as artes em mais vastos campos, em mais rasgadas paisagens, em plena campina ou vasta montanha.

Há que aproveitar a Primavera!

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00